

AS NOÇÕES DE CARREIRA E DE PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL “MENOR”: ENTRE AS FRONTEIRAS DO TERMO E A PERSPECTIVA DA CIRCULAÇÃO¹

NOTIONS OF CAREER AND PROFESSIONALIZATION IN ‘MINOR’ FOOTBALL: BETWEEN THE LIMITS OF THE TERM AND THE PROSPECT OF CIRCULATION ABROAD

Caroline Soares de Almeida²
Luciano Jahnecka³

RESUMO

O artigo tem o objetivo de discutir a profissionalização das carreiras de futebolistas dentro de categorias de futebol que não possuem grande visibilidade, chamados pelos autores de “futebol menor” (em alusão às antigas sessões esportivas em jornais brasileiros). A categoria é pensada a partir das relações de interlocução que ambos, autor e autora, mantiveram com futebolistas homens - atuantes em ligas secundárias - e de mulheres - que jogam nas primeiras divisões de campeonatos no Brasil e em Portugal - durante os respectivos trabalhos de campo para as pesquisas de doutoramento. Assim, procura-se dar evidência às relações de poder existentes nesses dois universos e que configuram formas de profissionalização não-reconhecidas e bastante díspares, baseadas nas carreiras dessas/es futebolistas, tendo como componente central, a visibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Profissionalização, Carreiras, Visibilidade.

ABSTRACT

The article aims to reflect on the professionalization of the careers of footballers who work in low visibility categories, called by the authors "minor football" (in reference to the old sports sessions of newspapers in Brazil). This category was based on the interlocution relations that both authors maintained with male soccer players - active in secondary leagues - and female soccer players - who play in the first championship divisions in Brazil and Portugal - during their respective fieldwork for doctoral research. Thus, it seeks to give evidence to the power relations existing in these two universes

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – através do programa de bolsas de doutorado CAPES DS.

² Doutora em Antropologia Social. Atualmente é Pós-doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: almeidacarol82@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Humanas. Professor da Universidad de la República, Uruguay (UdelaR) - Centro Universitario Regional Noreste. E-mail: jahnecka2@gmail.com.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

and which configure unrecognized and quite diverse forms of professionalization, based on the careers of these footballers, having visibility as a central component.

KEYWORDS: Football, Professionalization, Careers, Visibility.

INTRODUÇÃO

Este ensaio, escrito a quatro mãos, tem o objetivo de discutir a profissionalização das carreiras de futebolistas dentro do que chamamos aqui de “futebol menor”. O termo é visto a partir da antiga denominação encontrada nas sessões esportivas de jornais brasileiros entre as décadas de 1930 e 1960. As colunas “Futebol Menor” abrangiam as equipes que disputavam apenas campeonatos locais⁴. Segundo a antropóloga Carmen Rial (2009), o número de futebolistas brasileiros que atinge o patamar mais alto na carreira – ou seja, que circulará pelos grandes centros futebolísticos do mundo – representa menos de 1% do contingente nacional. Porém, o que acontece em relação a outras/os futebolistas? Como são negociados os projetos de carreiras dessas pessoas? Essas perguntas, de certa forma, fizeram parte do roteiro de nossas teses de doutorado: a primeira pela perspectiva do Futebol Masculino⁵ em ligas secundárias; a segunda, a partir do que é chamado de “Futebol Feminino”. Ao longo de nossas pesquisas, mantivemos certo contato, trocando ideias durante as aulas, apresentações em congressos ou em reuniões do núcleo de pesquisa⁶. Neste trabalho, resolvemos transformar nossas teses – e as conversas nos corredores – em um diálogo textual sobre carreira e profissionalização de futebolistas dentro de contextos de pouca visibilidade.

Em sua tese de doutorado, Luciano Jahnecka (2018) trabalhou carreiras de futebolistas brasileiros dentro de um “regime de visibilidades” foucaultiano: entre jogadores de clubes inseridos no regime profissional, mas não partícipes dos clubes-globais (RIAL, 2008) – e de contratos milionários com patrocinadores. Essas pessoas representam a grande maioria dos futebolistas profissionais brasileiros.

⁴ Para mais detalhes ver Rigo (2004) e Jahnecka (2018).

⁵ Utilizamos os termos “Futebol Masculino” e “Futebol Feminino” em função de sua perspectiva institucional empreendidas nas categorias esportivas reconhecidas pela FIFA e pelo COI, desviando qualquer concepção que inclua subjetividades de gênero a esses conceitos.

⁶ Ambos fazemos parte do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem, coordenado pela Dra. Carmen Rial, nossa orientadora durante o doutorado.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

Foucault (2002, 2003, 2006, 2008) também é base teórica utilizada para analisar as relações de poder que permeiam o universo do Futebol Feminino na tese de doutorado de Caroline Almeida, intitulada “Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras” (2018). O argumento central leva em conta a inserção dessas futebolistas em grandes redes de relações sociais, dentro das quais são idealizados os projetos referentes às carreiras. Uma vez inseridas, essas mulheres sofrem as ações de controle e de poder que influenciam diretamente na delimitação dessa rede – e, por conseguinte, também na (re)formulação dos projetos de carreiras das atletas. São elementos importantes na constituição da rede, as agências/agentes de gerenciamento de carreiras, as entidades regulamentadoras do futebol, o *mediascape*, os clubes e os movimentos feministas de futebolistas. A pesquisa consistiu numa etnografia sobre a carreira de futebolistas mulheres.

Assim, a denominação “futebol menor” é pensada a partir da interlocução que mantivemos com futebolistas (mulheres e homens) durante o período dos respectivos doutoramentos. As observações em campo levaram em consideração processos de profissionalização emergentes e/ou precarizados, com pouca visibilidade midiática na constituição de carreiras profissionais nos futebóis (Masculino e Feminino). Antes de apresentarmos algumas reflexões sobre o que observamos durante os nossos trabalhos de campo, convém explicar o que compreendemos por carreira no universo futebolístico.

CONTEXTUALIZANDO “CARREIRA”

No dicionário⁷, o vocábulo “carreira” é resumido como:

Série de ajustamentos porque passa o indivíduo para adaptar-se às instituições, às organizações formais e às relações informais em que sua ocupação o envolve; [...] a sequência de ocupações que constituem o histórico profissional de uma pessoa ou um grupo de pessoas. (GETÚLIO VARGAS, 1990, p. 154)

⁷ FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação, 1990.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

Buscar um conceito que inclua a ideia de carreira no futebol remete a uma gama de outras categorias, tais como trabalho, circulação de pessoas e aprendizado. Em seu artigo intitulado *Rodar: a circulação de jogadores de futebol brasileiro no exterior* (RIAL, 2008), Carmen Rial chama a atenção para a coexistência dos conceitos marxianos de “força de trabalho” e “mercadoria” na concepção de carreira no Futebol Masculino: “eles concentram em si trabalho de outros e circulam como mercadorias, auferindo lucros a terceiros quando dessa circulação” (RIAL, 2008, p. 29). Assim, a circulação acaba por estar anexada ao significado de carreira entre esses profissionais. Como sugerem as narrativas apresentadas pela antropóloga no decorrer do texto – e o próprio título do artigo: futebolistas “rodam”.

Outro ponto importante a ser tratado sobre as carreiras de futebolistas, diz respeito ao aprendizado. Ao rodar por diferentes clubes, jogadoras e jogadores aumentam o capital futebolístico (DAMO, 2005; RIAL, 2008, 2014), o capital corporal (WACQUANT, 2002), além do próprio capital cultural (BOURDIEU, 2007) – o capital econômico entre as mulheres, e semelhante ao que acontece em outras categorias de futebolistas homens, não sofre necessariamente acréscimo. O aprendizado consiste no aperfeiçoamento/otimização de suas habilidades técnicas e corpóreas. No próprio vocabulário do futebol brasileiro, a palavra “professor” é utilizada para designar treinadores e outros membros da equipe técnica, o que os qualifica enquanto agentes do processo de ensino-aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva, “rodar” representa um componente de profissionalismo fundamental no futebol. Quando se trata de Futebol Feminino, e também das divisões mais baixas do Futebol Masculino, a antropóloga Carmen Rial (2014) pondera que os contratos assinados no Brasil possuem prazos mais curtos, durando o período correspondente apenas ao campeonato a ser jogado. Por isso, futebolistas acabam circulando por mais clubes em menos tempo, o que constitui o jogar “por temporada”. Entretanto, nos últimos anos, observou-se uma mudança nesse sentido. Clubes menores, e/ou com posicionamento baixo no *ranking* da CBF, continuam mantendo a característica de montar a equipe conforme os campeonatos. Afinal, o orçamento é bastante limitado, o que torna inviável a administração de uma folha de pagamento por um período superior ao período de competição. Outra

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

alternativa encontrada por esses clubes é o que se conhece por “montar um time de camisa”: “contratar” uma equipe já existente e que jogue “campeonatos de várzea” (SPPAGIARI, 2015; PISANI, 2018; JAHNECKA, 2018) para montar o grupo. Clubes mais estruturados do Futebol Masculino, até pouco tempo atrás, mantinham essa prática durante os campeonatos nacionais de Futebol Feminino. Pode-se utilizar como exemplo a equipe do *Avaí FC* que disputou o Campeonato Brasileiro em 2014: o clube contratou o time do *Canto do Rio F.C.* que atuava na várzea de Florianópolis (SC). Essa prática, no entanto, parece ter diminuído em função da nova regulamentação da CONMEBOL.

O conceito de carreira, que buscamos para explicar as/os futebolistas neste ensaio, também apresenta como componente as perspectivas de *trajetória de vida*, *projetos* e *campo de possibilidades*. Tais categorias são pensadas a partir dos conceitos de Gilberto Velho (2003), pelos quais destacamos a noção de *campo de possibilidades*, que diz respeito às condições que cada sujeito transforma e atualiza um determinado projeto de vida. Gilberto Velho (2003) relaciona tal categoria a um espaço sociocultural no qual se permite a consciente formulação e reformulação de *projetos*:

Relaciono projeto, como uma dimensão mais racional e consciente, com as circunstâncias expressas no *campo de possibilidades*, inarredável dimensão sociocultural, constitutiva de modelos, paradigmas e mapas. Nessa dialética os indivíduos se fazem, são constituídos, feitos e refeitos, através de suas trajetórias existenciais (VELHO, 2003, p. 9).

Dessa maneira, atribui-se à sociedade urbana moderno-contemporânea a tendência de constituição do *self* como consequência de um intenso jogo de papéis sociais que são adaptados às experiências e aos níveis de realidade diversificados, podendo, ou não, apresentar conflitos e/ou contradições. Essa problemática, constituída pela complexidade na intensa mobilidade material e simbólica do mundo globalizado, é que define a *trajetória de vida* do indivíduo: “o que está em jogo é um processo histórico abrangente, e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares” (VELHO, 2003, p. 39).

O *campo de possibilidades*, nas palavras de Velho (2003, p.28), é visto como:

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*.

A viabilidade de realização dos *projetos* depende da capacidade de negociação do indivíduo com outros *projetos* individuais (ou coletivos), além da natureza e da dinâmica presentes no *campo de possibilidades*: “os projetos, como as pessoas, mudam; ou as pessoas mudam através de seus projetos; a transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente” (VELHO, 2003, p. 48).

ESTAR PROFISSIONAL NO FUTEBOL PRATICADO POR HOMENS E OS PROJETOS FAMILIARES: IMINÊNCIA DE UMA CARREIRA PROPAGADA?

Sobre alguns aspectos da profissionalização de futebolistas já conhecidos pela literatura antropológica, destaca-se o significativo contingente de meninos e adolescentes que “apostam” na profissionalização (RIAL, 2008; DAMO, 2005, 2009; ALMEIDA; PISANI; JAHNECKA, 2013), além da dedicação quase exclusiva ao treinamento e a aquisição do capital corporal exigido pelo recrutamento profissional (DAMO, 2005; RIGO; DA SILVA; RIAL, 2018; DARBY, 2013). Além disso, a grande mobilidade – ou circulação, nos termos de Rial (2008) – antes mesmo da referida profissionalização (RIGO; DA SILVA; RIAL, 2018; CARTER, 2011).

Entretanto, a profissionalização de futebolistas dentro da literatura acadêmica ainda não tem identificado as trajetórias dessa circulação de futebolistas, bem como de sua reconversão profissional, com as devidas exceções. Através dos trabalhos de Rial (2016) é possível identificar a circulação menor transnacional de futebolistas brasileiros entre clubes situados em países pouco reconhecidos (como os casos de Marrocos e Índia). Já em Spaggiari (2015), a circulação encontra-se relacionada à mobilidade de futebolistas que transitam pelo futebol “amador” e o futebol “profissionalizado”. Em ambos os estudos tal circulação, em grande medida, é facilitada e inclusive promovida

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

por “projetos familiares” para a construção de uma carreira sólida no futebol profissional.

Os citados projetos familiares inserem-se, segundo a perspectiva teórica adotada neste ensaio, nas condições de possibilidade de jovens oriundos de camadas populares e camadas médias de centros urbanos, uma vez que uma parte significativa da formação de futebolistas é desenvolvida exclusivamente em centros especializados para a aquisição técnica, as “escolinhas” como são conhecidas no Brasil. Nesse sentido, as condições materiais não são asseguradas exclusivamente pelos centros formadores, tampouco somente pelo núcleo familiar do sujeito em formação, mas por uma rede de pessoas que engloba desde a família extensiva, até mesmo figuras do corpo técnico da instituição formadora, como citada na tese de Jahnecka (2018, p. 70).

Em todos os casos de nossa interlocução com futebolistas profissionais (JAHNECKA, 2018), as condições de possibilidade para a profissionalização e sua consequente efetivação, nunca corresponderam às expectativas prévias para a consolidação da carreira, deixando à margem as imagens propagadas pelos meios de comunicação sobre o êxito profissional no futebol, principalmente aquelas vinculadas aos clubes-globais e ao “futebol europeu”. Mesmo assim, segundo a reformulação dos projetos de vida no futebol profissional, os futebolistas afirmam que foram exitosos em concretizar suas carreiras nesse âmbito, uma vez que consideram significativa sua permanência em um regime de visibilidade “menor” dentro do futebol profissional.

Essa permanência em um futebol “menor”, momentaneamente distante dos grandes meios de comunicação, mantém uma ambiguidade característica para o futebol profissional contemporâneo. Se por um lado a alternância pelos contratos de curto prazo mantém a precariedade das relações laborais nos considerados “clubes pequenos” de forma permanente, por outro é o que possibilita a circulação constante e aumenta as possibilidades de efetivar o que os futebolistas consideram “bons contratos”. Essa mencionada ambiguidade é matizada por características geracionais, uma vez que, em alguns casos, em razão do tempo de profissionalização e da idade do futebolista, é preferível ter contratos de curtíssima duração (“por campeonato”, como mencionam) com alto retorno financeiro, uma vez que se aproxima o indesejado “final de carreira”.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

Ainda assim, o componente geracional auxilia na compreensão sobre a construção da carreira de futebolistas profissionais, uma vez que também pode ser cruzado com a questão da “visibilidade” nos meios de comunicação. Em alguns casos, conforme o reconhecimento e a visibilidade do futebolista, é preferível ter melhores contratos (mais duradouros e/ou melhor remunerados, e a possibilidade de “ser titular”) em clubes e competições de menor visibilidade do que pertencer a um clube de maior visibilidade sem a possibilidade de “fazer uma boa campanha” e/ou “aparecer” de forma constante nos meios de comunicação.

Tais características fazem da “visibilidade” um componente fundamental para entender a carreira e profissionalização de futebolistas no Brasil. Inseridos em uma lógica mercantilista e capitalista, os futebolistas almejam melhores condições de visibilidade, o que necessariamente condiz com os que consideram melhores condições materiais e infraestruturais para o desenvolvimento de seu potencial técnico (corporal e simbólico) em sua carreira.

Tal como argumentamos em Jahnecka (2018), a relação entre carreira e a visibilidade nos meios de comunicação é potencializada pela visibilidade dos clubes nos quais os futebolistas circulam, uma vez que são utilizados argumentos de autoridade para questionar o capital simbólico ante os próprios futebolistas, e em nível social mais amplo: “onde você jogou?”. Ainda assim, a visibilidade na carreira de futebolistas brasileiros encontra-se mediada por muitos dispositivos antropotécnicos como são as mídias sociais e os produtos utilizados para difundir suas imagens: livros de teor biográficos, dvd's, plataformas digitais, jogos eletrônicos (para videogames, PC, Arcade, etc), entre outros.

Mesmo assim, em relação ao imaginário social é possível assegurar através de pesquisa empírica realizada nos últimos anos que o reconhecimento profissional e a visibilidade da carreira de futebolistas ficam enormemente restringidos à difusão de imagens dos meios de comunicação massivos, deixando para a figura do “herói” – protagonista masculino associado a um ideal de masculinidade hegemônica – a construção de uma carreira exitosa relacionada com a do “vencedor esportivo”. Frequentemente nos relatos com os interlocutores (JAHNECKA, 2018), a reconfiguração de suas carreiras e da imagem dos futebolistas que se encontravam em

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

um regime de clubes “menores” foi pautada por discursos de posituação de suas profissionalizações, uma vez que os processos para o ingresso no regime profissional são altamente restritivos e competitivos.

ENTRE O RECONHECIMENTO E O PROFISSIONALISMO: QUE ESPERA UMA FUTEBOLISTA NO BRASIL?

Nos últimos anos, o Futebol Feminino tem apresentado uma crescente visibilidade no país – a exemplo de ações como a exposição *Contra-Ataque* no Museu do Futebol (Estádio do Pacaembu, São Paulo); o #VisibilidadeAoFutebolFeminino⁸; o movimento de futebolistas da seleção brasileira questionando equidade de diárias na CBF (em relação à quantia recebida pelos homens); os novos regulamentos da FIFA e CONMEBOL que incentivam a igualdade de gênero no futebol; e, em menor grau, as políticas públicas que visavam o aumento de pódios brasileiros nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Porém, em 2020, as luzes que iluminam as equipes de mulheres da primeira divisão do campeonato brasileiro (Série A) estão muito aquém dos holofotes na mesma divisão no Futebol Masculino. A discrepância entre as duas modalidades, obviamente, é estrutural e advém de um histórico de proibições e impedimentos que deixaram as mulheres distantes dos gramados por um longo período. Além disso, nenhum outro esporte no Brasil – e em boa parte do mundo – movimenta as mesmas somas entre patrocinadores e direito de imagem – e as futebolistas têm a noção dessa realidade. Ao mesmo tempo, os resultados esperados às brasileiras são muito similares aos que são desejados aos homens (RIAL, 2016), ou seja, a pressão é grande, mas o reconhecimento, não. É um pouco sobre o reconhecimento (HONNETH, 2003)⁹ –

⁸ O movimento uniu futebolistas, incentivadoras e imprensa no Brasil em prol do Futebol Feminino.

⁹ A categoria é pensada aqui a partir de Axel Honneth (2003). O autor identifica três formas de reconhecimento que estão baseadas no amor, nas relações jurídicas e na solidariedade (comunidade de valores). O reconhecimento recusado gera situações de rebaixamentos e desrespeitos. O processo pelo qual restringiu a prática do futebol por mulheres e que levou à construção das diversas estereotípias pode ser lido a partir das duas últimas formas de reconhecimento. Na esfera jurídica, esse ponto é representado pela privação de direitos. Representa, não somente a limitação violenta da autonomia pessoal, mas também sua associação com o sentimento de não-pertencimento dentro de uma coletividade, de um sistema de leis, no sentido de não estar moralmente em mesmo pé de igualdade. Quando o não-reconhecimento alcança o nível da solidariedade, em que os dois lados não compartilham dos mesmos códigos de valores, o rebaixamento - ou o desrespeito – converte-se em ofensas à “honra” e à “dignidade”, tirando dos sujeitos atingidos qualquer possibilidade de atribuir um valor social às suas

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

sobre ser reconhecida enquanto futebolista – que pautam grande parte do entendimento das atletas – interlocutoras que fizeram parte desta pesquisa – sobre a profissionalização no futebol (ALMEIDA, 2018).

Dados da própria CBF apontaram que, das/os mais de 48 mil futebolistas¹⁰ registradas/os na confederação durante o ano de 2016, quase 26 mil não possuíam contrato assinado¹¹ com o clube. Essa maioria, embora mantenha uma rotina de treinamentos e receba alguma espécie de aporte financeiro para defender o clube, encontra-se inscrita na categoria amadora. Dos 25 primeiros clubes presentes no *ranking* de Futebol Feminino da CBF em 2016¹², apenas a equipe do Santos¹³ inscreveu todo o elenco na categoria profissional, ou seja, 33 atletas possuíam as Carteiras de Trabalho assinadas nesse ano. Calculando que os demais clubes tivessem vinte jogadoras registradas, seriam pelo menos 420 futebolistas – 99% do total – registradas como amadoras. Torna-se importante salientar que a categoria profissional no universo do Futebol Feminino brasileiro é polissêmica, utilizada conforme as diferentes situações de interação social (ALMEIDA, 2018):

- Para os membros da comissão técnica e dirigentes de clubes, quando oportuno, a profissionalização deve ser semelhante aos modelos de gestão dos grandes clubes brasileiros de Futebol Masculino;
- Para a CBF, constitui nos registros nas Federações;
- Para a imprensa e o público, ela oscila entre resultados obtidos, visibilidade e fluxo financeiro gerado;

Mas, e quanto às futebolistas? Quais são os aspectos que determinam a elas o que é ser uma jogadora de futebol profissional? A concepção sobre o que é ser – ou “estar”, como nos propõe Jahnecka (2018) – uma atleta de futebol profissional transita

próprias capacidades. A degradação valorativa infere ao que é conhecido como ofensa, em que o sujeito atingido não poderá referir a si mesmo de uma forma que coubesse um significado positivo no interior de uma coletividade.

¹⁰ A soma contempla todas as modalidades de futebol filiadas à CBF.

¹¹ Registrados em Carteira de Trabalho. Para mais ver: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/transacoes-nacionais-movimentaram-r-81-milhoes?ref=more#.WmD5N6inHIU>

¹² RNC/FF - Ranking Nacional dos Clubes 2016, encontrado em: https://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151211161344_0.pdf

¹³ Em 2016, os registros na Federação Paulista de Futebol (FPF) apareciam em três categorias: amador, profissional e estrangeiro. Apenas a equipe do Santos possuía todas as jogadoras na categoria profissional. A partir do ano passado, a FPF passou a apresentar os registros na forma de profissional, amador e feminino.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

entre diferentes níveis: inclui discursos que refletem sentimentos de injustiça pelo não-reconhecimento diante do quadro atual do esporte no país, mas, ao mesmo tempo, que admitem grandes melhoras na situação atual. Entre as interlocutoras desta pesquisa (ALMEIDA, 2018), a questão está inserida em um processo em desenvolvimento – em que ainda faltaria muito para o país atingir um “nível bom”. Para compreendermos um pouco mais sobre essa questão, apresentamos quatro narrativas de futebolistas brasileiras - ou que atuaram em clubes no país entre 2016 e 2017.

Narrativa um:

Não é falta de respeito, é [...]. Ah, não tem a palavra exata. É muito inferior ao do masculino. Se nós tivéssemos pelo menos 10% do que o masculino tem, daria bastante. Faltam alojamentos melhores, salários [...]. A gente não recebe um salário. A gente recebe ajuda de custo. *Pra* gente treinar embaixo do sol quente todo dia. Dois períodos. A gente não reclama de nada porque acho que é mais amor pelo futebol mesmo.

Dez por cento da receita dos clubes de Futebol Masculino da Série A do Brasileirão em 2016 corresponde a mais de quinhentos milhões de reais¹⁴. A maior parte dessa receita (51%) advém dos direitos de transmissão. O restante compreende as quantias arrecadadas através dos patrocinadores, das bilheterias, das vendas de produtos oficiais e das mensalidades de sócios torcedores. A Soma fica extremamente distante do investimento total que o *Ministério do Esporte/Caixa Econômica Federal* gastou com programas de incentivo ao Futebol Feminino – entre o *Bolsa Atleta* e o *Campeonato Brasileiro*: em torno de R\$ 12,5 milhões. Os números são bastante discrepantes, o que revela realidades bastante distintas entre si, quase incomparáveis (se não fosse pelas constantes evocações).

Narrativa dois:

Eu já peguei o Futebol Feminino em situação bem precária. Que as pessoas menosprezavam, assim, falavam: “para com isso”; “não vai levar a lugar nenhum”. Dos dez anos que eu jogo futebol, melhorou muito,

¹⁴ O estudo apresentado pela *Amir Somoggi Marketing e Gestão Esportiva* mostra a receita total dos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino foi de R\$ 5,409 bilhões. Para mais, ver: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/clubes-tem-receitas-recorde-em-2016-mas-consultor-avisa-2017-sera-ano-da-verdade.ghtml>

evoluiu muito. Tá engatinhando ainda. É uma criança, mas nos últimos cinco anos, assim, é que teve uma crescente muito boa.

Essa segunda narrativa se aproxima dos depoimentos de jogadoras de futebol brasileiras em diferentes momentos da história no pós-regulamentação (PISANI, 2012; ALMEIDA, 2013; MORAES, 2014; KESLER, 2015). Além disso, reflete o entendimento de se estar passando por um período de transição, em que se vislumbra um porvir de mais prosperidade.

Narrativa três:

Acho que tem muita carência. Agora que começou a divulgar um pouco mais, mas ainda assim é muito carente. Se investe muito pouco. [quando passa da TV] são canais que não [é] todo mundo que assiste. Se fosse na Band, na Globo, é uma coisa. Agora, me sendo transmitido, não divulgam muito. Aí o que adianta você colocar “quarta-feira vai ter jogo”, mas ninguém sabe que vai ter. Como que as pessoas vão assistir se não sabem?

O discurso apresentado pela interlocutora reforça tanto a emergência quanto o desejo de maior visibilidade para o Futebol Feminino.

Narrativa quatro:

Vim para o Brasil porque o futebol aqui é profissional. Em Argentina jogávamos numa equipe boa, mas competíamos praticamente com três equipes no campeonato nacional. Aqui o futebol é mais competitivo, está mais desenvolvido tecnicamente. Vim para cá para aprender e para jogar. No campo também é distinto, aqui joga muito a um toque. Lá é mais difícil jogar um toque, porque a jogadora não está acostumada a esse tipo de treino.

A forma de trabalhar deles é muito boa, de treinar todos os dias, de treinar futebol, de fazer academia [...].

Aquilo que mais me surpreendeu foi o manejo que as meninas têm da bola. Aqui as meninas têm muito mais técnica. Todas as meninas têm técnica. E lá, têm meninas de todo o tipo: meninas que não jogam, meninas que recém começam e meninas com experiência. Aqui todas as meninas têm técnica, todas podem jogar a um toque.

O “jogar a um toque” compreende alguns dos fundamentos técnicos básicos do futebol, divididos em: passe, chute e domínio de bola. Isso pode ser um indicativo de que as brasileiras já estão chegando às equipes de futebol com essas habilidades

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

trabalhadas previamente, desde cedo em escolinhas. Também remete ao *tiki-taka*, sistema de jogo adotado pelo *FC Barcelona* que prima pelos toques curtos, bom domínio de bola, calma e fluidez em que os jogadores se movem rapidamente pelo campo sem a posse de bola. É considerado bastante eficaz, se todos em campo estiverem em excelente forma física. Na visão dessas futebolistas argentinas, a vinda para o Brasil representou uma oportunidade de jogar num lugar onde o Futebol Feminino estaria melhor organizado, em que poderiam competir em temporadas mais longas e onde teriam maior visibilidade¹⁵. As três afirmaram que essas características seriam, na opinião delas, indicativas de profissionalismo.

A falta de palavra exata, destacada no primeiro depoimento, ressalta que, mesmo diante de uma imprecisão terminológica, submerge um sentimento de amargura diante da depreciação na qual o Futebol Feminino no Brasil está exposto há anos. Demonstra que as atletas não estão, nem de perto, satisfeitas com a atual situação. Embora o quadro de jogadoras de futebol no Brasil apresente, ainda hoje, uma ampla maioria de registros de amadoras, a concepção de profissional envolve principalmente a ideia reconhecimento: visibilidade, patrocínio, instalações, *infraestrutura* de qualidade, planos de treinamento, planos de carreira, salários justos, campeonatos fortes, etc. Algo que, na prática, se aproxima muito da realidade do Futebol Masculino dos clubes da primeira divisão do Brasileirão, exceto pelas enormes cifras que circulam no cotidiano desse esporte entre os homens – mais propriamente sobre os patrocínios e os direitos de imagem. No entanto, outras categorias de premiação/pagamentos poderiam ser igualadas entre as categorias e é a partir desse argumento que se sustenta os movimentos feministas de futebolistas¹⁶, fortalecidos nos últimos anos.

Outro ponto importante a analisar – e que influencia diretamente na concepção sobre carreira e profissionalismo a partir desses diferentes atores, que formaram o universo desta pesquisa – são as/os agentes¹⁷ que gerenciam as carreiras das futebolistas.

¹⁵ Conseguir maior “visibilidade” permite à futebolista conseguir contratos em clubes maiores e/ou estrangeiros.

¹⁶ Movimento iniciado pelas futebolistas da seleção dos Estados Unidos que questionavam a diferença salarial – mulheres recebiam 40% do valor pago aos homens, mesmo arrecadando mais. Depois das estadunidenses, as norueguesas, as dinamarquesas, as australianas, as irlandesas, nigerianas, islandesas e brasileiras também invocaram o mesmo questionamento.

¹⁷ Pessoas que atuam como intermediárias/os entre futebolistas e clubes – nacionais e estrangeiros – e que possuem uma ampla rede de relações, permitindo que as negociações ocorram de maneira mais rápida e,

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

Essa figura surge – e se expande – dentro dessa categoria esportiva em um momento em que o Futebol Feminino se encontra mais bem estruturado no país: com calendários definidos, com fluxos identificados de circulação de atletas no espaço nacional e no exterior e com incentivos – mesmo que estatais – que permitiam o andamento dessa modalidade de futebol no Brasil.

Quando uma futebolista assina um contrato com algum agente¹⁸, coloca nesse ato a esperança da progressão de suas carreiras. Existe grande ansiedade por contratos com grandes clubes nacionais ou estrangeiros, o que significa o ganho de maior visibilidade, de aprendizado e, também, de melhores salários. Esse serviço de especialização da profissão é algo bastante recente no Futebol Feminino, aparecendo mais efetivamente em pesquisas realizadas a partir de 2009 (BOTELHO; SKOGVANG, 2014). Durante a década de 1980, no Brasil, a existência de empresários entre jogadoras de futebol estava mais ligada ao gerenciamento da imagem daquelas que se destacavam em função da aparência (ALMEIDA, 2013), não importando as questões relativas às habilidades dentro de campo. A partir das décadas seguintes, não era raro encontrar agentes representantes de universidades estadunidenses que recrutavam jovens futebolistas, entre dezoito e vinte anos, para atuarem pela Liga Universitária: a *National Collegiate Athletic Association* (NCAA).

Logo após a assinatura do contrato, a empresa ou a/o agente monta um portfólio com informações da futebolista: local de nascimento, idade, posição que joga, peso, altura, escolaridade, clubes pelos quais atuaram, campeonatos jogados, quantidade de gols, reportagens realizadas, entre outros. O próximo passo é a produção de um

de certa forma, mais segura para as partes. Essas/es profissionais são regulamentados pela FIFA - e por sua vez, pelas federações associadas - que os define como: *A natural or legal person who, for a fee or free of charge, represents players and/or clubs in negotiations with a view to concluding an employment contract or represents clubs in negotiations with a view to concluding a transfer agreement. [...] Terms referring to natural persons are applicable to both genders as well as to legal persons. Any term in the singular applies to the plural and vice-versa* [Pessoa física ou jurídica que, mediante pagamento de uma taxa ou de forma espontânea/gratuitamente, represente jogadoras/es e/ou clubes em negociações, tendo como objetivo a assinatura de um contrato de trabalho ou a representação de clubes em negociações focando concluir um contrato de transferência. Os termos referentes a pessoas físicas são aplicáveis a ambos os sexos, assim como às pessoas jurídicas. Qualquer termo no singular se aplica ao plural e vice-versa – tradução livre]. Para mais, ver: *Regulations on Working with Intermediaries*. Disponível em: https://www.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/36/77/63/regulationsonworkingwithinintermediariesii_neutral.pdf

¹⁸ Utiliza-se - neste caso - a terminologia agente enquanto uma categoria êmica. O antropólogo Arlei Damo (2005), ao longo de sua pesquisa sobre o tema não faz diferenciação entre agentes e empresários, aparecendo no texto como agentes/empresários.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

videoclipe com lances realizados em campo - há um cuidado especial para que a trilha sonora acentue valores positivos da atleta, sobretudo, a força física, resistência, habilidade e espírito de equipe. Esse material é enviado a outras/os agentes/empresas, ou mesmo, diretamente a clubes. A rede de relações sobre a qual essas/es profissionais atuam, é constantemente acionada a fim de que se possa ampliar ao máximo o mercado: “nós que conseguimos Israel, por exemplo; conseguimos o contato como uma agência que atuava no mercado de lá e começamos a trabalhar com eles¹⁹”.

O contrato assinado depende de cada empresa. De acordo com um agente, interlocutor desta pesquisa, o primeiro contrato assinado na empresa que representa é de, no máximo, seis meses: “preferimos conhecer primeiro com quem estamos trabalhando; [...] muitas vezes achamos melhor assinar contrato com poucas jogadoras; aquelas que podemos confiar”. A queixa deve-se ao fato de que muitas futebolistas, depois de assinar com um clube, não pagam a comissão acordada com agentes que intermediaram a contratação: “elas querem ser tratadas como profissionais, mas não agem como profissionais²⁰”. Por outro lado, é comum que agentes, para que não sejam enquadradas/os no regulamento da CBF – e da FIFA –, tenham na razão social o registro como “assessoria de imagem” de esportistas. Na prática, entretanto, agem como intermediárias/os, mediando transações entre as futebolistas e os clubes. Por esse motivo, não há aparato legal para cobrar quando os serviços prestados não são financeiramente restituídos.

Na hierarquia do Futebol Feminino, a/o agente aparece como alguém que, muitas vezes, está acima dos clubes. Aliás, agentes, clubes e futebolistas possuem posições que parecem flutuar dentro das relações estabelecidas pelo poder. Isso se torna possível em consequência da fragilidade dos contratos (sem as bases legais devidas). Por isso, é muito comum que as jogadoras mudem de intermediárias/os e/ou de clubes, sem que sejam aplicadas punições ou multas²¹. Convém lembrar que a rede de relações

¹⁹ Fala de interlocutor transcrita. Para mais informações, ver: ALMEIDA, Caroline S. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidade nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras (Doutorado em Antropologia Social), Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018, p. 183.

²⁰ Agente interlocutor em nota de diário de campo.

²¹ Fragmento do diário de campo de Caroline Almeida: “Hoje acompanhei uma cena em que quatro atletas comunicaram o coordenador geral que iriam deixar o clube naquela semana. A pedra já havia sido cantada por um de meus interlocutores do clube, componente da comissão técnica. Era dia de pagamento,

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

do Futebol Feminino brasileiro é organizada a partir de um emaranhado de discursos criados e fortalecidos durante a trajetória dessa modalidade esportiva no país. Entre eles, o discurso biomédico, preponderante na proibição da modalidade às mulheres em 1941²². Esse *dispositivo disciplinar* (FOUCAULT, 2008) ainda hoje dá legitimidade aos poderes constitutivos dessa rede e às diferenças exorbitantes entre homens e mulheres no futebol - em níveis equivalentes. Assim, mesmo tendo se desenvolvido desde a sua regulamentação em 1983, o Futebol Feminino no Brasil ainda se mantém numa esfera bastante regulada por homens. Basta ver pela composição dos membros na CBF e nas federações estaduais. Além disso, comissões técnicas, diretorias de clubes, jornalistas esportivos, intermediários e o corpo de cientistas que pesquisam o futebol ainda são majoritariamente constituídos por homens - mesmo quando se volta à modalidade para mulheres. Nos últimos anos, porém, a luta pela equidade no futebol tem ganhado força e, de certa forma, reconfigurando a tradicional hierarquia desse esporte também nos campos brasileiros. Esse movimento surge justamente da contestação desse dispositivo, sendo este o ponto de discórdia sobre o entendimento do que seria profissionalização nessa modalidade: às futebolistas, o dispositivo representa o retrocesso, o não-reconhecimento, a invisibilidade, ou seja, a profissionalização está na equidade de direitos²³ entre homens e mulheres; cabe às instituições que regulam o esporte do país, bem como aos clubes e agentes, questionar o dispositivo disciplinar que representa indisciplina, apontado como o principal fator da falta de profissionalização no Futebol Feminino.

e meu interlocutor me avisou o que iria acontecer. Perguntei então o porquê elas estavam deixando o clube. Ele respondeu que duas delas haviam assinado contratos com equipes estrangeiras. As outras estavam descontentes. Quando perguntei como era possível deixarem o clube sem aviso prévio, ele afirmou que o contrato que existia com o clube não tinha base legal, que era muito difícil de existir no Brasil”. Entre as/os agentes que tivemos contato, a fragilidade dos contratos pela inexistência de amparo legal também foi levantada.

²² Com a criação do Conselho Nacional de Desporto, em 1941, o futebol, entre outros esportes, passou a ser proibido conforme o texto do Artigo 54: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

²³ Premiações semelhantes nas categorias semelhantes, maior espaço nos veículos de comunicação, salários e diárias iguais no selecionado nacional, contratos legalizados ou carteira de trabalho assinadas, etc.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São como “peças” que futebolistas são negociadas/os, entre clubes e agentes, no mercado da bola. A denominação - conforme nos alertou a pioneira da Antropologia do Esporte no país, Simoni Lahud Guedes²⁴ - era comumente utilizada para designar pessoas no comércio escravista no Brasil até o fim do século XIX. Algumas “peças” são nomeadas e têm a sua valorização conforme o potencial de rendimento, medidos através de uma soma que inclui: habilidades, conquistas, poder de atrair patrocinadores, além de características voltadas à subjetividade. Assim surgem os Neymares, os Brunos Henriques, os D’Alessandros, os Cristianos Ronaldos. Entre as mulheres também temos os seus exemplares, medidos por Marta, Rapinoe, Formiga, Wendie Renard, entre outras. Mas e as demais “peças”? Este artigo procurou explorar brevemente o universo dessas “peças” que circulam por um meio futebolístico de menor visibilidade, mas que sustentam projetos de carreiras duradouros.

As mulheres, ao contrário dos homens (DAMO 2005; CONCEIÇÃO, 2015; SPAGGIARI, 2015; JAHNECKA, 2018), normalmente possuem projetos individuais: como a perspectiva de ganhos financeiros no Futebol Feminino é muito abaixo do vislumbrado na modalidade masculina, não é comum que as famílias apostem nas carreiras de jovens que se destacam. Outro ponto divergente entre essas duas modalidades é que as famílias que apostam nas carreiras das filhas, no geral, pertencem às camadas médias (ALMEIDA, 2018). Aliás, entre as equipes que disputaram o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em 2016 havia um grande número de atletas provenientes dessas camadas da população. Esse dado permite-nos refletir sobre suas escolhas e projetos de carreira, uma vez que, em grande parte dos casos, futebolistas mulheres não têm a “obrigação” com o contra dom (DAMO, 2005) – da reciprocidade com a família.

É sob essa diferenciação, e vislumbrando um novo mercado, que surge a figura de intermediário - para utilizar a terminologia adotada pela FIFA. O modelo de

²⁴ Simoni Lahud Guedes fez parte da banca de doutoramento de Caroline Almeida. Durante a arguição salientou a intencionalidade na similaridade entre os dois contextos. Ao final, chamou atenção de Caroline: “né, historiadora?” - em referência à formação acadêmica em História da doutoranda arguida. À Simoni, agradecemos esse carinhoso “puxão de orelha” que trouxe nova significação à palavra “peças”.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

gerenciamento reproduz a prerrogativa do Futebol Masculino para inserir-se no Feminino. Em termos gerais, a intermediação entre atletas e clubes procura adotar um rótulo semelhante ao existente no futebol de grande visibilidade, vendendo possibilidades de carreiras internacionais de grande retorno financeiro e reconhecimento. No entanto, os contratos são bem mais modestos no futebol “menor”: às mulheres, as promessas incluem experiências culturais (capital cultural); aos homens, o sustento da família; e para ambos, a oportunidade de viver do futebol.

Por outro lado, em meio à atuação de agentes para a concretização das carreiras de homens e mulheres no futebol “profissional” e sua consequente circulação, a formulação dos projetos de vida (VELHO, 1999) é mediada de forma constante por aparatos antropotécnicos atribuindo crescente relevância à visibilidade de futebolistas (e esportistas em geral) para relevar as relações de poder entre os futebóis e futebolistas. Assim, podemos afirmar a existência de condições dissonantes vividas por mulheres e homens em um futebol menor que se encontra, em grande medida, evidenciada pela visibilidade (ou invisibilidade) nos meios de comunicação e na cobertura midiática dos eventos esportivos.

Neste ensaio procuramos evidenciar a existência de relações de poder que configuram formas de profissionalização pouco reconhecidas e díspares baseadas nas carreiras de futebolistas mulheres e homens de clubes situados no Brasil. No que se refere à noção de carreira de futebolistas, um componente central em termos de profissionalização é a visibilidade, ao que podemos aludir em diferentes níveis para homens e mulheres como a busca por sua inserção imagética nos meios de comunicação massivos – ainda que no caso das mulheres de forma muito mais restrita pelo histórico de negação, invisibilidade e a recente prática de futebol regulamentado e estruturado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola:** um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível:** projeto e campo de possibilidade nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

ALMEIDA, Caroline Soares de; PISANI, Mariane da Silva; JAHNECKA, Luciano. “De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres”. **Espaço Plural**, n. 29, p. 170-192, 2013.

BOTELHO, Vera; SKOGVANG, Bente. “Leaving the core? The immigration of Scandinavian women soccer”. In: AGERGAARD, S.; TIESLER, N. (orgs). **Women, soccer and transnational migration**. London, New York: Routledge, 2014. p. 117 – 139.

BOURDIEU, Pierre. **Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CARTER, Thomas. “Re-Placing Sport Migrants: Moving beyond the Institutional Structures Informing International Sport Migration”. **International Review for the Sociology of Sport**, p. 66–82, 2011.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. “The training of football players”. **Vibrant-Virtual Brazilian Anthropology**, v.6, n.2, July to December, 2009.

DARBY, Paul. “Moving Players, Transversing Perspectives: Global Value Chains, Production Networks and Ghanaian Football Labour Migration”. **Geoforum**, v.50, december, p.43–53, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos e Escritos. v. 5 Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

JAHNECKA, Luciano. **Regimes de visibilidade**: a constituição de futebolistas em um futebol menor (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que Barbies e Ogras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado em antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MORAIS, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola**: futebol feminino na Bahia anos 80-90. Salvador: EDUFBA, 2014.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz**: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PISANI, Mariane da S. **“Sou feita de chuva, sol e barro”**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RIAL, Carmen. “New Frontiers: The transnational circulation of Brazil’s women soccer players”. In: AGERGAARD, S.; TIESLER, N. (orgs.). **Women, Soccer and Transnational Migration**. London, New York: Routledge, 2014.

RIAL, Carmen. “Por que todos os ‘rebeldes’ falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em primeira mão**, n. 110, p. 1-22, 2009.

RIAL, Carmen. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.14, n.30, p. 21-65, 2008.

RIAL, Carmen. “From Black Kaká to Gentrification: The new mobilities of expatriate brazilian football players”. In: GLEDHILL, J. (org.). **World Anthropologies in Practice**: Situated perspectives, Global Knowledge. London: Bloomsbury, p. 77-91, 2016.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Ed. UFPel, 2004. (História e etnias de Pelotas).

RIGO, Luiz Carlos; DA SILVA, Daniel Vidinha; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. “Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 263-274, jan./mar.2018.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Recebido em: 03/02/2020 Aprovado em: 02/04/2020

As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação – Caroline Soares de Almeida; Luciano Jahnecka – p. – 178-198